A SUBMISSÃO HUMANA NO PERÍODO ÁUREO DA BORRACHA NA AMAZÔNIA: uma análise da obra "Andira", de Paulo Jacob[1]

Laura de Morais Cabral[2]
Prof. Sc. M. Edimildo de Jesus Barroso Passos[3]

Resumo: Este trabalho tem como principal objetivo analisar dados bibliográficos sobre a forma desumana, maus tratos e mortes, sofrida por seringueiros, na terrível saga de tais subalternos, dos "coronéis" dessa época denominada "Período áureo da borracha". Retratada na obra "Andirá", de Paulo Jacob, aqui foram encontrados vestígios de uma terrível fase da história do Amazonas. O autor expõe, através de relatos, a crueldade a que imigrantes eram submetidos quando em busca de melhores condições de vida. Grande parte desses era de nordestinos – fugindo da seca nessa região brasileira– selecionados, principalmente, em Manaus e Belém, que em levas, através de embarcações denominadas "navios-gaiola" eram conduzidos para os vales dos rios amazônicos como Madeira, Purus, Juruá etc. É na região deste último que, em caráter ficcional, se passa a história do seringal Andirá. Ao percorrer as páginas dessa obra, deparar-se-á com os desmandos de exploradores, na história do Estado do Amazonas e perceber-se como era injusta a luta pela simples sobrevivência entre aqueles que possuem o poder capitalista para dominar e os que apenas contavam com a frágil ajuda da sorte. Ainda sobre o cenário amazônico, sobre o qual Paulo Jacob instiga a uma reflexão mais aprofundada, conhece-se, através desta pesquisa bibliográfica embasada em análise de conteúdo, o mundo colossal de rios, lagos, igapós, igarapés, seringais etc., onde a natureza avassaladora e sacrificadora, somada aos desumanos tratamentos aos quais os patrões submetiam os seringueiros, compõe o principal cenário. Na referida obra, percebe-se, também, que, em se tratando de angústias, o drama do caboclo amazonense que sofre com todas as adversidades que lhes são impostas, se assemelha às angústias dos patrões que são obrigados a conviver com toda essa situação.

Palavras chave: Solidão; Maus tratos; Injustiça; Morte.

Abstract: The main objective of this work is to analyze bibliographical data about the inhuman form, mistreatment and death suffered by rubber tappers, in the terrible saga of such subordinates, of the "colonels" of that time denominated "Golden period of rubber". Pictured in Paulo Jacob's "Andirá", here were traces of a terrible phase in the history of the Amazon. The author exposes, through reports, the cruelty to which immigrants were subjected when in search of better conditions of life. A large part of these were Northeasterners - fleeing from the drought in this Brazilian region - mainly selected in Manaus and Belém, which in boats, through vessels called "cage ships", were taken to the Amazonian river valleys such as Madeira, Purus, Juruá etc. It is in the region of the latter that, in a fictional character, is the story of the Andirá rubber plant. In going through the pages of this work, one will encounter the desmandos of explorers in the history of the State of Amazonas and realize how unfair the struggle for the simple survival between those who have the capitalist power to dominate and those who only counted with the fragile help of luck. Still on the Amazon scenario, on which Paul Jacob instigates a more in-depth reflection, the colossal world of rivers, lakes, igapós, igarapés, seringais, etc., is known through this bibliographic research based on content analysis. overwhelming and sacrificial nature, coupled with the inhuman treatments to which the bosses subjected the rubber tappers, composes the main scenario. In this work, one can also see that, in the case of anguish, the drama of the Amazonian caboclo who suffers from all the adversities that are imposed on them, resembles the anguish of the bosses who are forced to live with all this situation.

Keywords: Solitude; Mistreatment; Injustice; Death.

---

[1] Artigo científico apresentado como requisito para obtenção do título de licenciada em Letras: língua e literatura portuguesa e língua e literatura inglesa, pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM/IEAA.
[2]Finalista do Curso de Letras: Português/Inglês – Universidade Federal do Amazonas/IEAA/Humaitá – AM.
[3]Orientador/Universidade Federal do Amazonas/IEAA/Humaitá – AM.

1 INTRODUÇÃO

Após análise literária da obra "Andirá", de Paulo Jacob, muito se esclarecerá, através do presente artigo, sobre os maus tratos dispensados aos seringueiros durante o apogeu da borracha no Amazonas. Com o estudo dessa obra, passa-se a conhecer, também, o fascinante e perigoso cenário amazônico sobre o qual Paulo Jacob instiga a uma séria reflexão. Apesar do espetáculo proporcionado pela natureza, o autor revela também o sofrimento proporcionado por este cenário, principalmente pela desproporção entre a força do patrão e a frágil figura do seringueiro relatada na referida obra.

Muito já se ouviu falar sobre o Amazonas e o período áureo da Borracha. Muitos escritores, amazonenses ou não, já abordaram em publicações científicas e fictícias essa realidade cujo cerne temático é constituído pelas mais intrigantes, e porque não dizer chocantes, histórias do período em que a borracha ocupava o lugar de destaque como a principal base econômica da região amazônica.

Essa era a época em que seringueiros e seringalistas travavam uma guerra silenciosa. Nesse embate entre forças desiguais em cujo desfecho geralmente quem tombava era aquele mais fragilizado, o seringueiro. A enorme desvantagem deste era gerada pelas desumanas condições impostas por seu despreparo intelectual e econômico e em maior parte por aqueles mais fortalecidos pela riqueza provinda da seiva que corria dos troncos das seringueiras extraída pelo próprio perdedor nessa luta desigual. Da mesma forma o sangue corria dos corpos dos desgraçados trabalhadores quando deixavam de cumprir seu penoso trabalho ou desrespeitavam alguma determinação do patrão pelo que eram brutalmente castigados, muitas vezes, até a morte.

Em muitos aspectos, em se tratando de detalhamento, linguagem desapegada de tabus e comprovado conhecimento da realidade descrita, Paulo Jacob destaca-se enormemente com "Andirá", na literatura brasileira. Nesta magnífica obra da literatura amazonense esse grande escritor se mostra, não apenas profundo conhecedor do que retrata, mas também exímio conhecedor do vocabulário regional, o que põe "Ándirá" entre as grandes obras da literatura regional e brasileira.

Em "Andirá", o conteúdo do enredo é composto, além dos maus tratos sofridos pelos seringueiros – que é o objeto de estudo desta pesquisa bibliográfica – pelo drama vivido diante da imensidão da floresta e por todos os perigos que esta oferecia aos que ousavam desafiá-la. Assim, com esta obra, parte da histórica realidade amazônica fica conhecida e, também, todos os dramas vividos por personagens que representam o caboclo e o índio

amazonense e o nordestino que enfrentam os perigos da gigantesca floresta, no início, em busca de uma vida melhor e, com o passar do tempo, em busca, apenas, da sobrevivência.

Para uma exposição mais apropriada e, consequentemente, mais explícita, da temática proposta no presente estudo, optou-se pelo apoio de outros autores que abordam de modo a denunciar, à maneira de Paulo Jacob, as injustiças sofridas pelos fragilizados homens que produziam a riqueza da região, principalmente da capital amazonense. Dentre esses, cita-se Euclides da Cunha, Francisco Vasconcelos, Samuel Benchimol etc., todos empenhados, muito além de, simplesmente, retratar, denunciar o que a imprensa, da época não divulgava por não ser possível nenhuma forma de acesso.

Em "Andirá", Paulo Jacob estabelece um entrelace entre a realidade amazônica, a ficção literária regional e seus conhecimentos acerca de ambos os aspectos. Esse trabalho é realizado de tal forma brilhante que pode-se afirmar, sem que seja necessário um vasto conhecimento acerca de crítica literária, que através dele o escritor expõe o mais íntimo da história do Amazonas.

Por obras com esse grau de riqueza literária Paulo Jacob já recebeu muitos elogios cujos mesmos evidenciam a grandeza desse autor amazonense tão desconhecido, ainda, pelo público, mas reverenciado pela crítica. Na orelha de "A Noite cobria o rio caminhando", do autor em estudo, pode-se encontrar algumas opiniões sobre esse grande escritor amazonense: "... podemos dizer que sua criação está prenhe de vida. E por isso mesmo é fértil, é grande, é sincera." (Marcílio Farias, "JOSÉ – Jornal da Semana Inteira", Brasília. "...O seu mundo linguístico, colorido e traiçoeiro, é também a significação em valor social do sofrido homem da selva amazônica." (Assis Brasil[4]). "Pelo trabalho de artista e artesão, a Amazônia fica devendo a Paulo Jacob o mesmo que o sertão das Gerais deve a Guimarães Rosa." (Macedo Miranda[5]). Por esses e outros comentários pode-se afirmar que Paulo Jacob é, se não o maior, mas um dos maiores escritores da literatura amazonense. E isso é o suficiente para que estudos como esse, acerca desse grande escritor, sejam cada vez mais realizados.

[4] Joaquim Francisco de assis Brasil foi advogado, político, orador, escritor, poeta, prosador, diplomata e estadista. Foi Governador do Rio Grande do Sul pela Junta Governamentista Gaúcha, de 1891 a 1892 e Ministro da Agricultura, de 03 a 30 de março de 1911.

[5]Carlos Alfredo de Macedo Miranda, filho do escritor Macedo Miranda. Foi jornalista e produtor audiovisual do Jornal do Brasil.

2 Considerações acerca de Paulo Jacob

Deparando-se com a obra de Paulo Jacob, tem-se a oportunidade de conhecer a fundo o período áureo da borracha no Estado do Amazonas, principalmente na região do Rio Juruá, no baixo Amazonas, local que serve de cenário, se não a mais, sem dúvida a uma de suas mais importantes obras, uma obra de grande valor literário tanto pelo estilo despojado usado pelo escritor quanto pela linguagem empregada na constituição do texto.

Um autor cujo talento ultrapassou fronteiras, valorizando assim nossa terra, esse pedaço de mundo que ainda conserva suas belezas naturais, numa das aéreas mais ricas e inóspitas do planeta, uma região cobiçada por muitos e conhecida por poucos, um local riquíssimo não só por sua diversidade natural, mas também por sua diversidade cultural. Talvez por conta disso é que segundo Samuel, 2008, "Ler Paulo Jacob é dificuldade. Chega a ser tão complicado que ele, em «Chãos de Maíconã», anexou um vocabulário da língua ianoname, no fim do livro. De um «Dicionário da língua popular da Amazônia» também ele é autor".

Portanto, é lendo Paulo Jacob que se chega a todas essas conclusões citadas. E, devido ao seu riquíssimo vocabulário regional, percebe-se também que sua obra não proporciona uma leitura das mais fáceis. Porém, para os amantes da boa literatura, nunca será demais conhecer o mais aprofundadamente possível tão brilhante escritor e, a recompensa para tal disposição é um conhecimento único acerca da Amazônia e todas as suas riquezas culturais, históricas e mitológicas.

2.1 Paulo Jacob: uma vida e uma literatura extremamente amazonenses

Pouco se sabe, ainda, em se tratando de literatura brasileira, sobre esse grande escritor da literatura amazonense. No entanto, isso não diminui sua riqueza literária nem seu nível de escritor romancista. Para conhecimento de alguns aspectos de sua vida e de sua obra, cita-se, aqui, informações colhidas na obra "A Noite cobria o rio caminhando" (1983):

> Paulo Herban Maciel Jacob é amazonense, de Manaus. Lá estudou e se formou em Direito. Foi na carreira de magistrado que percorreu sua terra, conhecendo sua gente. Juiz municipal no Termo de Itapiranga, cidade de Baixo Amazonas, em 1952 foi nomeado juiz de Direito na Comarca de Canutama, às margens do rio Purus. Viveu também às margens do rio Solimões. Na década de 60, voltou a Manaus, ainda como juiz, sendo, em seguida, promovido a desembargador do Tribunal de Justiça do Amazonas.[...]. Para Assis Brasil, o autor "incorpora-se ao pequeno grupo de escritores brasileiros que trabalham artisticamente a linguagem literária.

> Longe de desenvolver uma linguagem difícil, rebuscada, ele faz a ficção brasileira, mais uma vez, adquirir o nível da criação". Paulo Jacob publicou os seguintes romances: "Muralha Verde", 1964; "Andirá", ed. Sérgio Cardoso, Manaus, 1965, "Chuva Branca", 4º lugar, Prêmio Walmap de 1967, 1º ed. pela Gráfica Record Editora, 1968; "Dos Ditos Passados nos Acercados do Cassianã, 2º lugar, Prêmio Walmap de 1967, 1ª ed. pela Bloch Editores, 1969; "Chãos de Maiconã", menção honrosa, Prêmio Walmap de 1973, 1ª ed. pela Cia. Editora Americana 1975; "Vila Rica das Queimadas", finalista, Prêmio Walmap de 1975, 1ª ed. pela Emebê, 1976; e "Estirão de Mundo", 1ª ed. pela Editorial Nórdica, 1979. Em 1981 a Nórdica reeditou "Chuva Branca', em convênio com o Instituto Nacional do Livro (JACOB, 1983).

Esse escritor amazonense, além de sua rica trajetória na literatura, também construiu uma brilhante carreira na vida jurídica. Como poucos, conseguiu conciliar e desenvolver grandes trabalhos em suas duas áreas de atuação, a literária e a jurídica. Após aprovação no Concurso pra Juiz, no município de Canutama, segundo Mendonça (2012), Paulo Jacob continua sua carreira de jurista associando, ainda, a esta, a carreira de professor de magistério superior em curso de direito. E, nessa mesma época, além do já citado ingresso na Academia Amazonense de Letras, assume, também, lugar na Academia de Letras Jurídicas do Amazonas:

> No ano seguinte, em 1953, é removido para a comarca de Manacapuru (AM), lugar onde trabalhará até 1961, ano em que será promovido a Juiz de Direito da Capital — Manaus (AM). Três anos depois, em 1964, é alçado ao cargo de desembargador, e em 1967, ao de Corregedor-Geral de Justiça. Em 1968 foi Vice-Presidente do Tribunal de Justiça do Amazonas (TJ-AM), assumindo a presidência no biênio de 1982 e 1983. Durante este período, como Presidente do TJ-AM, Paulo Jacob chegou a assumir o Governo do Estado do Amazonas (JACOB, 1987, p. 7).
> Como professor, lecionou disciplinas do Direito na Universidade do Amazonas (à época sob a sigla de UA, passando, posteriormente, a UFAM) durante dez anos.
> Foi membro do Instituto Geográfico e Histórico do Estado do Amazonas (IGHA), da Academia de Letras Jurídicas do Amazonas e, de 1971 a 2003, tornou-se um imortal como membro da Academia Amazonense de Letras (MENDONÇA, 2012. *In*: SOUZA, 2015, p. 3).

Paulo Jacob é, se não o maior, um dos maiores escritores da literatura amazonense. Bastante premiado com suas obras e muito elogiado pela crítica, esse romancista integra a literatura com obras de altíssimo valor artístico e literário. Sobre ele, comenta Rogel Samuel:

> Paulo Jacob escreveu muito. Muito. Cerca de 10 romances bem trabalhados. Quase ganhou o maior prêmio nacional de literatura da sua época, o Walmap, em 1969, com «Dos ditos passados nos acercador do Cassianã», 2º lugar. Excelente livro, imenso, denso, 359 páginas de um tipo pequeno,

> corpo 10 (Rio de Janeiro, Bloch, 1969). O Walmap tinha juízes como Jorge Amado, Guimarães Rosa e Antônio Olinto. Os três deram o 4º lugar para «Chuva branca», em 1967, um dos seus mais belos livros. Outro livro, «Vila rica das queimadas», título bem atual, ecológico, também ficou entre os finalistas do Walmap. O título denuncia, como o livro: «O coração da mata, dos rios, dos igarapés e dos igapós morrendo», sobre o desmatamento. «Chãos de Maíconã» também «menção honrosa» do Concurso Walmap (SAMUEL, 2008. *In*: literaturarogelsamuel).

Por sua vasta obra literária e a forma como utilizou a linguagem para compô-la, Paulo Jacob, como já visto, foi nomeado membro da Academia Amazonense de Letras. Dele disse Assis Brasil: "[...] o seu mundo linguístico é colorido e traiçoeiro, é também a significação e, valor social do sofrido homem da selva amazônica." Paulo Jacob foi, com *Chãos de Maíconã*, "menção honrosa" do Concurso Literário Nacional Walmap (JACOB, 1974).

Escritor judeu-amazonense Paulo Jacob, saudado por autores como Jorge Amado, Antônio Olinto e Assis Brasil. "Paulo Jacob representa uma tipologia de home amazônico a partir de seus dramas e de sua luta contra a pobreza, a partir de suas crenças e cultura" (SOUZA, 2016, p. 8).

A respeito da ligação que mantinha com o Baiano Jorge Amado, principalmente através de cartas, na "orelha" de "Tempos Infinitos", de Paulo Jacob, consta um fragmento de uma dessas conversas entre o Autor de "Capitães de Areia" e nosso amazonense. Nessa conversa, através de carta, Jorge Amado faz referência a comentários tecidos por ninguém menos que o autor de Grande Sertão: veredas, Guimarães Rosa e o autor de "Brasileiros na África", Antônio Olinto:

> Querido Paulo, tomei conhecimento de tua literatura em 1967 quando, com Guimarães Rosa e Antonio Olinto, fui juiz de um premioWalmap e um dos livros premiados foi o belo *Chuva Branca* de tua autoria. Recordo ainda hoje o entusiasmo do Rosa pelo teu livro, entusiasmo que foi igualmente meu e do Olinto. De então pra cá, tenho sido admirador ardoroso de teu trabalho de romancista (JACOB, 2004).

Devido ao uso de vocabulário extremamente regional e indígena, Paulo Jacob em algumas de suas obras, como, "Chãos de Maíconã" e "Amazonas, remansos, rebojos e banzeiros", anexa um vocabulário para que a leitura seja facilitada e, dessa forma, assimilada pelo leitor, principalmente se este não é conhecedor da cultura amazonense. Já no início do primeiro capítulo de "estirão de mundo", obra que não traz anexado um vocabulário, como mencionado, percebe-se a dificuldade de compreensão para os não conhecedores da nossa cultura e, principalmente, do "jeito de falar" do caboclo amazonense:

> Tempo aí nasceu Francisco. Apois mais tomou nome todo, Chico Peba do Andiga. Peba, de tatu. Aninga, o lago de moradia. Mundão de terra, aguão medonho. Paranás, igarapés, igapós, estirão de mundo. Vizinhaçao alonjada. Banzeiros, temporais, rebojos, enfrentos de bicho, vivença nossa.
> – Toinho, Toinho, levanta filho!
> Manhã branca, cerração medonha. O lago paradio, enlodado. Pacotê, maliça, batatarana, florando o igapó. Vazante, temporada de roça. Carecendo caçar sustento. Toinho dormindo. Curumim muito jitinho. Seus ajudos, apanho de sacaí, talisaca, basculho de roça. A mãe morrida de cedo a pior consumição. Não resistiu o sangreiro do parto. Desfaleceu, findou-se. Chá de raiz de algodão, jeito não deu. Pai tomando de conta botando preparo, cuidando de filho. Papa de carimã, o comer mais dele. Criou-se (JACOB, 1979, p.7).

Devido à convivência aproximada do caboclo amazonense com o habitante indígena, os vocabulários desses dois amazônidas acabaram por assumirem traços comuns. Esse entrelace de falares gerou, portanto, certas dificuldades de compreensão para estrangeiros e não regionais. Com grande capacidade de observação, devido, certamente, à formação jurista e os tempos que passou em comunidades e municípios amazonenses desempenhando sua profissão de Juiz, Paulo Jacob se familiarizou com o vocabulário ribeirinho e o utilizou na composição de suas obras. Porém, como mencionado, esse escritor entendeu que seria necessário um vocabulário para a compreensão do falar amazonense, o que o fez nas obras já citadas. Em uma dessas, escreveo autor, no capítulo 26:

> Foi o começo, a amizade mais *Pacha*. Virgem do Sol, mulher sagrada. Jurou fidelidade aos deuses. Fazer sexo, profanação, sacrilégio. Dia feliz, marupiara. A boa sorte ir mais a cunhatã. Data de *CoyaRaymi*, festa da Lua e da rainha. Mês de setembro, o festejo sagrado. Roupa nova, limpa, ajustada no corpo. Brinco de ouro nas orelhas. Os nobres limpos, bem apresentados. O povo distante do *Sapa Inca*. Na companha do rei, os sacerdotes, os nobres, a rainha, as Virgens do Sol. O Sumo sacerdote elevou a taça de ouro. Ofereceu bebida, *illay tanta* ao deus do sol. As virgens ergueram os braços. Pedindo paz, luz, calor à vida, às sementes, às criações (*id.*, *ibid*., p. 52).

Não é apenas boa vontade que se faz suficiente para extrair de um mundo tão enigmático subsídios para uma boa literatura. A vida do caboclo amazonense diante da imensidão da selva amazônica é vasto terreno para a criação de ricas narrativas. No entanto, apenas escritores que dispõem boa parte de suas vidas à causa amazônica conseguem construir de modo tão real uma ficção com base em histórias tão fascinantes, cheias de dificuldades e, ao mesmo tempo, tão intrigantes. Dessa mesma forma é a vida tanto do nativo quanto do imigrante que transformam a floresta, com todos os seus dramas e perigos, em sua morada definitiva. Dentre esses bravos e formidáveis contadores de histórias, encontra-se

Paulo Jacob, esse grande jurista-escritor ou escritor-jurista, que fez de sua vida e sua obra um retrato da Amazônia brasileira, mais especificamente o estado do Amazonas. Como afirma Samuel (2008):

> Sob vários aspectos, ele é o maior romancista da Amazônia. Não é muito lido, conhecido, porque autor difícil, sofisticado. Sua morte, no dia 7 de abril do ano passado (2004), abre questão grave quanto à divulgação da cultura nacional brasileira. Sua morte não chamou atenção. Não se soube. Eu mesmo, amazonense de Manaus, onde morava o escritor, não tive conhecimento. [...] Paulo Jacob nasceu em 24 de fevereiro de 1921 e faleceu no dia 7 de abril de 2004 [...] (SAMUEL, 2008. *In*: literaturarogelsamuel).

Porém, não é o fato de Paulo Jacob não ter o merecido reconhecimento dos seus conterrâneos, quanto sua grandeza literária, que diminuirá sua genialidade. Sua obra, sua carreira como magistrado e sua paixão pela cultura e povos amazônicos já são elementos suficientes para torná-lo imortal.

3 Andirá e o contexto histórico

O final da segunda década de 1918 é marcada por profundas transformações nos campos social, político e econômico dessa região. Essas mudanças geram um grande abismo, entre a vida das cidades e de quem mora no seio das imensas florestas amazônicas. Porém, com tantas despesas desmedidas e o cultivo da seringueira em solo asiático o fim do Período Áureo era iminente.

As cidades principalmente as capitais de Manaus e Belém, transformavam-se rapidamente. Tudo ia se modificando para atender às novas demandas, afinal os filhos das famílias abastadas retornavam da Europa e com eles, novas exigências. Os coronéis e suas comitivas também necessitavam de ambientes mais sofisticados onde pudessem usufruir dos benefícios da riqueza. Assim, a simplicidade ia dando lugar ao requinte. O que antes eram cidades pacatas, transformaram-se em verdadeiras metrópoles graças ao extrativismo do látex.

> Entre 1890 e 1920, a borracha foi o segundo produto de exportação do Brasil. Só perdia para o café. Muitos latifúndios, donos de seringais, ficaram milionários. Manaus e Belém construíram belíssimos palacetes para esses barões da borracha. Homens tão ricos que, só para aparecerem, mandavam lavar as roupas em Paris. Acendiam o charuto queimando uma nota de 100 libras esterlinas. Na Selva, era diferente. Lá trabalhavam os seringueiros. Geralmente, nordestinos fugidos do latifúndio e da caatinga seca para reencontrar o latifúndio na selva úmida. Calor equatorial, picadas de cobra,

> malária, trabalho infernal em troca de mixaria [...] (AUGUSTO, 2013. *In*: História Inteligente).

As únicas cidades brasileiras que vivenciaram a internacionalização trazida pelos coronéis da borracha chamada de *belle époque*, foram Manaus e Belém. Estes seringalistas romperam com muitos dos costumes locais, graças ao enriquecimento às custas do leite que escorria das seringueiras e, também, as suas moradas, os chamados barracões centrais, construídos no interior das matas, próximo aos seringais, que mantinham o conforto longe da vida urbana.

> Machado, terçados rolando restos de mata. Enxada, pás e picaretas rompendo o solo. Ruas abertas, praças ajardinadas, avenidas em construções. Calçamento chegando da Europa vestia a terra lustrosa de barro. [...] O burburinho aumentando. No solo rasgado, metiam-se novos trilhos para os bondes. Carros e caminhões subindo e descendo ruas, tomavam posição vantajosa no desenvolvimento das comunicações e do transporte de carga (JACOB, 2003, p. 34).

Com o crescimento e desenvolvimento das cidades, não só as famílias ricas locais, ou os filhos recém-voltados do Velho Continente, mas também muitos ribeirinhos, enfim, muitas pessoas se mudavam para essas cidades. Porém, apesar das muitas diferenças existentes entre elas, todos tinham um ponto em comum, melhores condições de vida. Nesse contexto estavam personagens como os seringueiros, os seringalistas (coronéis de barranco, donos dos seringais), burgueses nacionais e estrangeiros que eram os representantes e detentores do capital movimentador do ciclo.

É claro que com o aumento, embora desordenado da população todos os demais campos da sociedade tendiam, também, a crescer e melhorar suas condições de comercialização. Era a única forma de acompanhar o progresso. E, do mais humilde comerciante às grandes empresas, sofreram o impacto causado pelo poder financeiro da borracha.

> O grande e o pequeno comércio se desenvolvia rapidamente [...] Naquele esplendor comercial, intensificado pela desmedida ambição de borracha nos mercados consumidores, cresciam as companhias de navegação nacionais e estrangeiras, multiplicavam-se os estabelecimentos exportadores, fertilizavam enriquecidas casas comerciais (*id.*, *ibid*. p.35).

Mas, assim como toda moeda possui duas faces, a história do primeiro ciclo da borracha no Amazonas, contada em Andirá, também possui seu “outro” lado. Se hoje, com toda a tecnologia existente, com as facilidades que os meios de comunicação e de transportes

disponibilizam às populações, ainda há uma diferença astronômica, em termos de investimento, entre os interiores dos estados e as capitais, pode-se imaginar, então, como se dava o contraste nessa época. O período se caracteriza por contrastes. A Riqueza dos palacetes de Manaus se opunha a uma vida de penúria dos trabalhadores na selva.

Em Andirá pode-se perceber toda a injustiça existente nesse período, nessa região. A ganância de uns apoiava-se no sofrimento de outros. O aspecto mais cruel e desumano do capitalismo estava ali presente. A riqueza e a ostentação desta eram mantidas a qualquer custo. Quem tem mais dinheiro tem mais poder, mais prestígio e estas eram características que para serem mantidas não havia limites.

> Era o látex sustentado à barriga forra, uma pequena burguesia que nascia na terra, crescendo assustadoramente, insensível à indigência das multidões, corrompendo costumes, fomentando miséria, retendo fortunas. Opulência germinada na escravidão do braço nordestino [...] (*id., ibid.* p.35).

Neste período da borracha em Manaus, que até então vivia com suas vilas de poucas casas, palafitas e casas flutuantes, agora se modernizava com o advento da borracha, passava por transformações, nas quais as elites não mais se contentavam com a vida pacata e tranquila, ou seja, com a vida provinciana, e começaram a se identificar com a representação da *Belle Époque*. Como o Rio Amazonas havia sido aberto para o comércio do mundo, ficou mais viável a importação e exportação de produtos, daí a influência adquirida pela sociedade local, pois o comércio da borracha vinha provocar inquietudes.

Segundo Souza, "[...] cada salto na cotação da bolsa de Londres que a borracha sofria era uma erupção na placidez provinciana. Passo a passo, o enriquecimento conjurava o marasmo e representava uma conquista do refinamento civilizado [...]". (SOUZA, 1994, p. 134. *In*: TRAJANO; SANTOS, 2017, p. 3).

Nesse momento, autores como Euclides da Cunha denunciam a exploração dos seringueiros na floresta. Ele foi considerado o pioneiro a arguir contra as mazelas sofridas pelos soldados da borracha nas mãos dos seringalistas. Por volta de 1905, ele pede: "Urgência de medidas que salvem a sociedade obscura e abandonada: uma lei do trabalho que nobilite o esforço do homem; uma justiça austera que cerceie os desmandos; uma forma qualquer de *homestead* que o consorcie definitivamente a terra" (CUNHA, 2015, p. 14).

4 A viagem rumo ao "Andirá": o início de uma vida de submissões, maus tratos e injustiças

No governo Vargas em 1943, foi criada uma corrente migratória para a Amazônia, a qual foi chamada de "Batalha da borracha", que tinha como objetivo recrutar homens de todas as regiões brasileiras para o corte da seringa. Migrantes esses que em sua grande maioria eram oriundos do Nordeste, que segundo Samuel Benchimol "aqui genericamente conhecidos como cearenses" (BENCHIMOL, 1999 p.135), migraram em consequência da seca, ou também, apenas com o intuito de se aventurar e fazer fortuna como látex. O surgimento do ciclo da borracha transformou-se em um grande atrativo para as populações do Nordeste, especificamente do Sertão nordestino.

"Procediam geralmente das zonas do agreste do sertão do Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e outros Estados Nordestinos. Eram, ora tangidos pela seca – causadora da fome, ora simplesmente atraídos pelo apetite de seringa – imigração por cobiça, fortuna e aventura – ou simultaneamente por ambos" (BENCHIMOL, 1999, p. 136. *In* TRAJANO; SANTOS, 2017).

Grandes atrocidades aconteceram nesse período, os futuros seringueiros eram tão explorados que obtinham dívidas a partir do momento em que embarcavam nos vapores rumo a tão sonhada fortuna.

> Pobre gente! Muito antes de pisar na embarcação, ainda nos portos de partida, começava a endividar-se sob as garras de futuros patrões, condenando-se à escravidão, negociando com antecedência a sua liberdade, haveres e o produto do trabalho. Alimentando a insaciável ganância dos contratantes. Todas as despesas eram debitadas na conta dos brabos: tabaco, roupa, sapato, passagem e dinheiro pra deixar a família. (JACOB, 2003, p 36).

Outros escritores, também se empenharam na luta contra as condições sub-humanas às quais os seringueiros eram submetidos, através de obras que denunciavam essas situações. Em "Regime das águas", por exemplo, o autor Francisco Vasconcelos denuncia que a eficiência do seringueiro era medida por dias trabalhados, onde um dia não produzido eram quilos a menos de borracha. Isso acontece, segundo a obra, no seringal denominado "Vai-Quem-Quer", nome bem sugestivo à realidade lá encontrada.

Esses desbravadores das florestas virgens da Amazônia eram em sua maioria nordestinos selecionados pela aparência física nos portos de Manaus e Belém. Esses futuros escravos chegavam em levas nos navios-gaiola, tanto ao seringal Andirá quanto aos outros

seringais. Essas embarcações, apesar de rústicas possuíam divisões por classes e, como era de costume, os pobres viajavam nas piores condições possíveis.

> Nesse dia chegara mais uma leva de homens, contratados em suas terras por Zé Paraíba, cabra de confiança do coronel Tibúrcio César Guerreiro. A terceira da chata Belém, da Amazon River S. Navig. Cia., vinha abarrotada: homens, mulheres, crianças, redes cruzadas, malas, baús, sacos, caixas, grassando a fedentina de corpos mal lavados. (JACOB, 2003, p 36).

4.1 A vida no seringal Andirá

Muitos coronéis de barranco, como ficaram historicamente conhecidos, eram considerados senhor absoluto de seus domínios e de tudo que neles existia. Era o patrão e por isso achava-se no direito de controlar, em todos os sentidos, a vida de todos os seringueiros e todos os demais que os serviam. No seringal Andirá não era diferente. O dono desse seringal, o coronel Alírio Feitosa, se achava um desses "donos" de tudo e de todos. Nem quando a vida dos seringueiros era colocada em risco ele abdicava de se fazerem cumprir suas ordens, suas vontades:

> [...]
> –A estrada está perdida, seu coronel. Os índios rodavam lá esta noite.
> – Perdida?
> – Acho que sim. Eu lá mesmo não volto por dinheirão nenhum.
> – Então você pensa que tem vontade?
> – Não quero saber disso. Voltem ao serviço. Perder a melhor estrada... era só o que faltava!
> Mané ouvia. Ajoelhou-se.
> – Pelo amor de Deus, meu patrão...
> – Basta de muita conversa. Já disse tá dito. Se não pagam as contas nessa estrada, que dirá noutra.
> Mané chorava. Chico, olhos secos, pensava diferente.
> O coronel irritava-se.
> – Retirem-se! Nada de me enganar, hem! Amanhã cedo no serviço... deixem de medo besta (JACOB, 2003, p. 72).

Em uma conversa com um de seus empregados, fica muito contrariado ao saber que um seringueiro, de outro seringal, não pretende lhe vender a borracha extraída:

> [...] – Qué sabê de outra? O Climéro, freguês do coroné, lá do Guariba, manda dizê a vosmicê que tem compradô pra burracha dele. Vende não, por dinheirão argum, a seu coroné.
> – Canalha! Então não sabe que tenho compromisso. Volte lá, ainda hoje e converse novamente o assunto. Se continuar nesse propósito, ele vai ver...

> Não tem documentos das terras, nem registro da posse, e quer se meter comigo (*id., ibid.*, p. 116).

Nem mesmo a família escapava aos desmandos do coronel. Em uma espécie de ditadura, todos lhe deviam obediências. Mesmo, Mariazinha, a filha querida do dono do Andirá, apesar de muitas vezes contrariar as vontades do pai, era obrigada a seguir suas ordens quando essas eram expressas e em tom de severidade. Certa vez ao entrar no escritório, o coronel Alírio Feitosa encontra sua filha ajudando no serviço da contabilidade do seringal. Serviço que era de obrigação de seu empregado Fabrício, por quem o Coronel tinha certa simpatia devido o rapaz ser um educado e inteligente, vindo da cidade para trabalhar no Andirá. Às vezes, nem mesmo esses dois eram poupados das humilhações do patrão:

> – Pois é seu Fabrício, eu lhe pago para fazer o serviço. Não é de graça não. Minha filha é patroa, não é sua empregada.
> – Papai, fui eu quem quis ajuda-lo.
> – Não se intrometa no que não é chamada. Retire-se! Preciso dar as ordens a meu empregado.
> A moça obedeceu. Ficaram sós. O coronel continuava censurando.
> – É bom acabar de uma vez com essa intimidade com minha filha. Coloque-se no seu lugar.
> Fabrício baixou a cabeça. Humilhação (*id., ibid*,p. 169).

Nesses seringais, os patrões ditavam as regras. Em cada seringal cada dono estabelecia as suas. Em alguns desses, uma dessas regras era a premiação aos que mais trabalhavam. Assim, os que mais produziam eram premiados, como estímulo a produzirem cada vez mais e, cada vez mais, enriquecerem seus já afortunados patrões. Esse tipo de atitude dos coronéis seria louvável e até digna de exaltação, o condenável é que, na premiação, pessoas eram envolvidas como prêmio. E como se não fossem absurdos os castigos físicos, ainda havia esses outros tipos, que não feriam fisicamente, mas moralmente o homem. No romance, "Regime das águas", Vasconcelos relata exemplo dessas situações:

> [...] E porque era tradição no "Vai-Quem-Quer" premiar no fim do *fábrico* o seringueiro de maior produção, foi entregue a Chicão, sem maior constrangimento, a mulher de Malaquias. E tudo ali, na frente de todos, o barracão em festa, o 'prêmio' anunciado em voz alta, mais castigo que prêmio, que seringueiro daquela laia merecia mesmo era aprender a ser homem (VASCONCELOS, 2014, p 21).

Porém, sob as condições em que trabalhavam, raramente alguém conseguia saldar suas dívidas. E, além de não conseguirem pagar o que deviam, às vezes os patrões ainda usavam

métodos desumanos para cobrança de dívidas. “[...] Dez anos de Andirá e sempre devo ao patrão. Às vezes penso em fugir, sem dinheiro mesmo. Mas tenho medo de ser apanhado e ter o fim do Chico do Andirá.” (JACOB, 2003, p. 189).

Mas como conseguir economizar o suficiente para pagamento de dívidas se nem condições de vida tinham para isso? Nem, ao menos, um local digno para morar possuíam, conforme percebemos na passagem:

> A chuva adormecia a tristeza do tapiri, com a claridade da manhã tentando devassar a mata. O café fumegava no fogo, nas paredes rendadas, camisas e calças rotas estendidas. Dois rifles enfiados na palha. Duas redes cruzadas, dois sacos de caucho, um caixote, nada mais. Moradia de seringueiro. (*id., ibid.*, p. 189).

Além das más, ou nenhuma, condições de vida e, muito menos, de trabalho, os seringueiros ainda tinham que conviver com as dificuldades impostas pela natureza – chuvas durante a madrugada quando executavam suas tarefas de seringueiro, período de baixas temperaturas na floresta, animais selvagens, insetos que transmitiam doenças tropicais etc. Somando-se a essas contrariedades naturais, ainda eram expostos a um perigo maior: os frequentes ataques realizados pelas tribos nativas. Essas atacavam e matavam os seringueiros que se aventuravam à procura pela seringueira no interior das matas. Em uma conversa do coronel Alírio Feitosa com Francisco Ceará, um de seus jagunços, quando, certa vez, chegara nervoso ao barracão, fica claro um desses acontecimentos:

> “[...]
> – Que há, homem de Deus? Que novidade traz você tão cedo ao barracão.
> – Truve má nutiça da estrada Mata-Fome. Os home num qué mais cortá nela não. Dizqui a peste de índio travessou frecha nu estradão. [...]” (*id., ibid.*, p.71-72).

Os seringueiros não tinham escolha, eram obrigados a enfrentar todos esses perigos, afinal, necessitavam sobreviver. Precisavam extrair o leite das seringueiras, escondidas nas matas, para adquirirem algum dinheiro com o qual compravam alimentos e outros gêneros de primeira necessidade. Quando não conseguiam dinheiro, outra forma de conseguirem alguns produtos era através do aviamento feito no barracão, que era uma maneira de trocar mercadorias por mão-de-obra.

Dessa forma, eles adquiriam produtos de primeira necessidade como munição, feijão, jabá e a cachaça, produto essencial para os seringueiros, pois além de usada como divertimento, também era usada para amenizar o sono. Porém, quando não produziam, isto é,

quando não extraiam o leite das seringueiras, de maneira suficiente, por ficarem doentes – mesmo que essa doença fosse causada pelo próprio patrão – por intempéries ou por medo dos índios, os mesmos perdiam o crédito e passavam necessidades.

Nesses casos, o que lhes salvavam da fome era quando matavam "caças" ou pescavam, principalmente pirarucu. E, no Andirá, além de o patrão ser mais cruel, até essas coisas eram mais difíceis que em outros seringais. Quando a situação piorava, muitas vezes, a farinha adquirida no armazém do barracão era, juntamente ao café, o único alimento que sustentava precariamente os seringueiros:

> [...]– E diga! Fugi de casa na Paraíba. Nem sei se meus pais ainda existem por lá. Loucura de rapaz. Aqui, se não fosse matar alguma caça... já tinha levado à breca. Comi até preguiça. Fome é semanas inteiras. Me agüento na farinha e no café. Coisas que deixo de comprar, a ver se consigo saldo, lá está na conta. Não se pode reclamar. Por causa disto, de uma feita levei uma surra do patrão. Fiquei de molho na rede um bocadão de dias. O corpo tava em frangalhos. Um homem apanhar de outro, amarrado...
> O homem baixou a cabeça. Jerônimo viu que chorava. Lágrimas de seringueiro, cobertas pela solidão. Gemidos que a selva escuta sem transpirações (*id., ibid*,p.190).
> .

Não se sabe como esses seringueiros conseguiam sobreviver, passando por tamanhas carências. Apesar de todo sofrimento, de todos os maus tratos e viverem sob uma extrema servidão, onde o trabalhador perdia até o direito de se alimentar com um mínimo de dignidade, ainda tinham que continuar trabalhando. Porém, nem as desumanas condições de trabalho lhes garantiam direitos básicos. As humilhações pelas quais passavam os seringueiros do Andirá eram tamanhas que até na hora de comprar algum alimento, tinham que implorar pra conseguirem algo.

> [...] Ambrósio Nonato, gerente do Andirá, despachava mercadorias aos fregueses.
> –Só leva a metade...Não tem saldo pra garantir...
> – Morro de fome, seu Ambrósio. Passei a semana no café e na farinha-d'água.
> – Se que encher o bandulho, trabalhe para isso. Francisco Ceará foi ao centro e encontrou você aboletado na rede.
> – É que estava chovendo e tinha um febrão danado (*id., ibid*,p.78-79).

Para o fiscal do barracão, agir dessa forma era necessário, afinal, ele também era vítima do poder e da fúria incomensuráveis do patrão. Afinal, tudo acontecia segundo a vontade dos coronéis. Esses homens inescrupulosos é quem ditavam as leis. A justiça, nos seringais, estava

a muitos dias de viagem, e a ela só recorriam os que fugiam, incapazes que eram de ajustar-se à realidade daquele mundo onde nenhum que se opusesse às determinações dos patrões poderia sobreviver. A lei na selva não podia ser outra senão aquela ditada pelos "donos" dos seringais. Só eles, a partir de seus propósitos e interesses, determinavam o que estava certo ou errado. Até para lucrarem mais ordenavam que seus empregados enganassem os seringueiros:

> [...]
> – De agora em diante faça o favor de apertar mais no peso da borracha. Aumente a quebra. Carregue nas contas. Preços altos nas mercadorias e um aumentozinho em cada aviamento.
> – E se os homens reclamarem?
> – Aqui não tem reclamação. Se está escrito é o que devem. Sabe disso.
> – Tá certo, patrão. Regularei a tara na balança (*id.*, *ibid*,p. 170).

Presos numa selva onde tudo era distante, sem poder de escolha para recomeçar em outro lugar, os seringueiros se viam obrigados a suportar todas as humilhações. No seringal Andirá, além das humilhações, os seringueiros eram obrigados a ficar calados caso soubessem de algo que denegrisse a imagem do coronel ou de alguém de sua família. Caso ousassem a comentar, eram severamente castigados.

Esses castigos variavam de simples punições à morte. Certa vez, dona Corina, esposa do coronel Alírio Feitosa, obrigou Maria Molambo, a empregada da casa, a ficar por horas ajoelhada sobre grãos de milho porque insinuou algo sobre Mariazinha: "Ajoelha-te aí. São oito horas. A meia noite sairás do castigo" (*id.*, *ibid.*, p. 185). Mas, nem sempre os castigos eram tão brandos. Como mencionado, às vezes, chegavam ao extremo. Certa vez, um dos jagunços do Andirá foi dizer ao coronel que um dos seringueiros, Almerindo Gengibre, estava falando aos outros, algo sobre o namoro escondido de Mariazinha, a filha do patrão, com Fabrício:

> – Aquele canalha se atreveu a falar mal de minha filha?
> – Foi o que disse. Infâmia, patrão.
> – Cadê este cabra?
> – Saiu agorinha pro centro.
> O coronel franziu a cara, as bochechas tremiam. Sabia que Francisco Ceará andava próxima, na costumeira ronda ao barracão. Chamou. O cabra apareceu. Deu a ordem.
> – Vá atrás do Almerindo Gengibre. Deve ir pelo varadouro. Traga ele pra castanheira e venha me chamar.
> [...]
> – Nada fiz, patrãozinho.
> – Seu atrevidaço! Então você vive falando da minha filha?
> – Foi brincadeira. Pergunte a Jerônimo Paca. Juro por Deus que era brincadeira.

> Feita a vontade do patrão. Almerindo Gengibre atado pelos pés, pendurado num galho. O coronel sangrou o homem. Gritou a João Mulato.
> – Bote a bacia embaixo. Quero saber quantos litros de sangue dá um cabra safado (*id., ibid*,p. 192-193).

Os coronéis não apenas trapaceavam humilhantemente seus seringueiros, como os obrigavam a trabalhar até à morte nos seringais. Como se não bastassem os maus tratos, se tentassem fugir, se tentassem vender a borracha para outro comprador, mesmo que fosse para a compra de remédios pra si ou pra alguém da família, eram severamente torturados, o que, geralmente, resultava na morte dos pobres coitados. Depois de morto, e às vezes ainda com vida, eram jogados nos lagos ou rios, ou enterrados em locais desconhecidos. No Andirá havia até um cemitério clandestino no interior da mata, à sombra de uma castanheira: "[...] O pé da castanheira é o cemitério do Andirá, esconderijo de crimes [...]" (*id., ibid,* p. 221).

> [...]
> – Amarrem o homem! Quero ensiná-lo a não furtar patrão...
> – Pelo amor de Deus, patrão, conto a verdade,
> – Não adianta, o que fizeste está feito. Poltrão!
> – Minha filha estava à morte, com ramo de ar. Implorei ao seu Ambrósio... Me disse que não tinha crédito nem para uma caixa de fósforos, devia muito.[...]
> – Sei que tava errado, só pensei na doença da minha filha. Mas eu pago, seu coronel. Pelas chagas de Cristo... eu pago a borracha.
> Os olhos espantados do homem, não diminuía o rancor do patrão.
> – Amarrem logo, que estão esperando?! [...]
> – Coitado! Não tem mais jeito. Foi atingido pela ponta do terçado. Joguem com tronco e tudo no lago [...] (*id., ibid,* p. 165/166).

E quando alguns desses mortos deixavam família, o "coronel" era quem frequentava a casa da viúva, fazendo a vez de marido tanto no coito conjugal quanto trazendo-lhe produtos de primeira necessidade. Mesmo porque se não aceitasse o coronel, poderia ser violentada por vários homens que estavam sem mulher a algum tempo. E, depois que o coronel, ocultamente à esposa, assumia a viúva, os seringueiros não se arriscavam a tentar algo contra a protegida do patrão.

> [...]
> – Minha vinda aqui já sabe pra que é. Tenho uma sede danada em você.
> Hoje é nosso dia, já que o canalha de seu marido lhe deixou só. Imagino como se abandona um pancadão desse.
> A mulher não dizia nada. O coronel tirava-lhe o vestido. Ria friamente.
> Desarrumava a calça. Sentia-se apalpada pelo homem. Empurrava de leve as mãos dele. Deitaram no chão. (...)
> A mulher lagrimou, não se sabe porquê. Levantou-se. Baixou o vestido, desconfiada. Pediu ao novo amante.

> – Seu coronel, o senhor não se esqueça de mandar um ranchozinho. Tou sem nada em casa.
> – Mando sim, João Mulato vem trazer. Mas olha lá, é só comigo... (*id., ibid,* p. 197-198).

A vida no Andirá era tão dura e degradante que em muitas situações fica difícil entender como o ser humano pode ser diferente, ou superior, aos outros animais se chega a tomar decisões ininteligíveis do ponto de vista humano simplesmente pela satisfação de um desejo biológico, ou psicológico. Vários seringueiros que não eram casados submetiam-se a situações animalescas, reduzindo-se aos seus aspectos instintivos. Inclusive Fabrício, rapaz da cidade, com educação mais elevada que os seringueiros, procurava satisfazer seus instintos mesmo que fosse com Maria Molambo, a empregada nem tanto higiênica.

> [...] Quantas vezes ele a jogara no chão na mata próximo, tirando prazer no corpo mal lavado da cabocla. Quando terminava empurrava, tinha nojo, empurrava a cabocla. Mais dias menos dias lá estava no mesmo lugar, com a mesma vontade, com o fogo dos coitos antepassados. Fedorenta ou não, em todo o caso era mulher." (*id., ibid,* p. 90).

Quanto à satisfação dos instintos animalescos, esses ficavam por conta dos infelizes trabalhadores do seringal:

> [...] Um seringueiro perguntou a outro.
> – Tu já foi dá a tua trepada na tua mulher?
> – Mulher! Que mulher?
> – A Burra Cherosa. Nós já sabe lá no centro, que na semana passada tu foi apanhada em cima da bicha.
> – Quem foi a filha da puta que disse isso?
> – Gente que viu. É mentira?
> O homem calou-se embaraçado. Falta de mulher, uma vergonha, todos sabiam. Se chegasse aos ouvidos do coronel, como se ataria? [...] (*id., ibid,* p.78).

Portanto, não havia lucro no Andirá para o seringueiro, por mais que este se esforçasse duramente. Quando aqueles mais determinados e mais fortes para a labuta diária conseguiam superar as expectativas da produção, o patrão tratava de encontrar um meio para ludificar o ingênuo trabalhador. A enganação e a injustiça eram os principais artifícios usados pelo dono do seringal. A crueldade também era o requinte oferecido aos que tentavam guardar algum dinheiro ou tentar ir embora do Andirá com saldo.

> [...] Jeronimo Paca [...] Pela primeira vez bateu amigavelmente nas costas de Ambrósio Nonato.

> – Tire meu saldo, saio hoje mesmo. [...]
> – Já comunicou ao patrão?
> – Não carece,tem tempo, na hora da saída. [...]
> – Tem um bom saldo. Um conto e setecentos. Quer tudo em dinheiro ou parte em mercadoria?
> – Só me serve dinheiro, para passagem e outros gastos de viagem. [...]
> Ouviu-se um estampido. Fez-se silêncio. Ninguém se apercebeu. Tiro era comum no Andirá [...]
> – De sardo sai não. Francisco Ceará num drome. Tava de ôio [...]
> Apressou-se em dar contas a Ambrósio Nonato. [...]
> O gerente encarou o coronel, sem ter tempo de falar.
> – Ouvi o tiro. Mande completar o serviço, esconder o corpo (*id., ibid*, p. 211 -213).

A vida no Andirá era ilegal, injusta e massacrante, os patrões junto com seus capangas, torturavam físico e mentalmente os seringueiros, de maneira que aqueles que percebiam o impasse preferiam obedecer para, ao menos, permanecerem vivos. Ninguém tinha coragem de enfrentar esses patrões caudilhos, porque tinham esperança de um dia saírem daquele "inferno verde" com vida. Esses patrões não matavam em público, usavam as condições do lugar como álibi.

Porém, aos poucos as pessoas nas cidades foram percebendo que as onças e os índios não eram as únicas causas de tantas mortes, como se pregava naquele lugar. Os seringueiros que eram apenas humilhados até tinham sorte, pois na maioria das vezes outros não tinham uma segunda chance. Eram amarrados a troncos de árvores e torturados com chicotadas, pancadas com pau, com terçado e, depois, vivos ou mortos, eram jogados nas águas, ou enterrados debaixo de uma castanheira em um dos varadouros do seringal.

7 CONCLUSÃO

Após analisarmos a obra que deu origem ao estudo aqui exposto, percebemos que por trás da exuberância da floresta amazônica existiram, e certamente ainda existem, muitas histórias tristes a serem contadas. Muitas histórias de solidão, abandono, maus tratos e injustiças cometidas contra minorias indefesas. Porém, para que essas e outras situações sejam postas à luz do conhecimento, faz-se necessário um estudo mais específico sobre o assunto.

Sabemos que é possível, apesar das dificuldades, principalmente geográficas, realizar tal estudo de forma mais aprofundada. Afinal, ainda é possível encontrar em algumas localidades, às margens de muitos rios, situações semelhantes às citadas através do romance

“Andirá”. Essa obra, que compõe o acervo deixado por um dos mais importantes escritores da literatura amazonense, Paulo Jacob.

Ao percorrermos as páginas dessa obra, percebemos, de um modo que chega a ser revoltante, como é desigual e, consequentemente, injusta a luta pela simples sobrevivência entre aqueles que usam o poder capitalista para dominar e os que apenas têm a frágil ajuda da sorte e apoio na fé em dias melhores. Em Andirá, além dessa constatação comprovada através de histórias revoltantes, percebemos também outras situações como o apogeu e o declínio daquele que foi um dos períodos de maior riqueza para o Estado do Amazonas, o chamado “período áureo da borracha”.

Durante esse período, principalmente a parte da Região Norte onde estão localizados os estados do Amazonas, Pará e Acre, houve uma crescente entrada de capital, inclusive estrangeiro, que impulsionou a riqueza dessa região. Com essa riqueza veio o crescimento desorganizado e catastrófico dessa parte do Brasil.

Manaus, capital do estado do Amazonas, cenário de grande parte dos acontecimentos dentro da narrativa, é exemplo desse crescimento desastroso em que poucos lucravam absurdamente muito e a grande maioria da população vivia na dependência de ínfimas oportunidades de melhoria de vida. Com isso, o que crescia proporcionalmente à cidade era a pobreza, as desigualdades sociais e, em consequência, as injustiças praticadas por que detinha o poder social ou financeiro contra os que não possuíam nem um, nem outro.

É a partir de estudos como o aqui exposto que conhecemos mais de perto a nossa realidade. Nossa história, nossos antepassados, enfim, nossas origens, nos são apresentadas de forma bastante real através desse romance de Paulo Jacob. Esse escritor comprova, através dos relatos analisados, que foi um grande conhecedor da história dos habitantes nativos e ribeirinhos da região amazônica. Através de um olhar bastante diferenciado acerca da realidade amazonense, esse escritor nos permite entender o que de fato é a história da prosperidade dessa região.

E, assim, após a análise de “Andirá”, nossa visão sobre nossa própria história deixa de ter como base ideias distorcidas e passa a sustentar-se em fatos relatados por Paulo Jacob. A partir dessa pesquisa bibliográfica ampliamos nossa ótica acerca de como aconteceu de fato o crescimento, o progresso e a formação da capital do amazonas, Manaus. Além disso, entendemos como a divisão das riquezas do Estado do Amazonas se processou e como o poder político se originou ao longo da história desse estado.

Andirá, portanto, não é apenas um romance de ficção. É muito mais que isso. É uma coletânea de fatos e acontecimentos, selecionados e imortalizados por um grande escritor que,

além de nos proporcionar uma relevante leitura, serve de comprovação para quem se interessa pelas verdadeiras histórias que envolvem a constituição da região amazônica, a formação do estado do Amazonas, o progresso da capital Manaus e, acima de tudo, a formação do povo amazonense.

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Fábio. **O Apogeu da borracha na Amazônia**. Disponível em: http://historiainte.blogspot.com/2013/01/o-apogeu-da-borracha-na-amazonia.html. Acesso em: 06.06.2018.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia Formação Social e Cultural**. Manaus: Editora Valer/ Editora da Universidade do Amazonas, 1999. *In* TRAJANO, Leina da Silva; SANTOS, Julius François Cunha dos. **O Ciclo da Borracha na Literatura Amazonense - Uma Análise da Obra "Um Punhado de Vidas-Romance de um Soldado da Borracha" de Aristófanes Castro.** Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Edição 04, Julho de 2017. Disponível em: https://www.nucleodoconhecimento.com.br/wp-content/uploads/artigo-cientifico/pdf/o-ciclo-da-borracha.pdf. Acesso em: 16.06.2018.

CUNHA, Euclides. **À Margem da História**. Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro. São Paulo, 2015.

JACOB, Paulo. **Chãos de Maíconã**. 2 ed. Rio de janeiro : Nórdica, 1974.

_____. **Amazonas, remansos, rebojos e banzeiros**. Rio de Janeiro : Nórdica, 1995.

_____. **Andirá** – 2ª Ed., Manaus: EDUA – Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2003.

_____. **A Noite cobria o rio caminhando**. Rio de Janeiro : Nórdica, 1983.

_____. **Estirão de Mundo**. Rio de janeiro : Nórdica, 1979.

_____. **Tempos infinitos**. Manaus: Editora Uirapuru, 2004.

MENDONÇA, R. **Memórias amazonenses** (2012). *In*: SOUZA, Jamescley Almeida de. **Paulo Jacob: uma fortuna crítica**. Disponível em: http://oguari.blogspot com/p/. paulo-jacob-uma-fortuna-critica.html. Acesso em: 07.06.2018.

SAMUEL, Rogel. **Paulo Jacob**. Disponível em: http://literaturarogelsamuel.blogspot.com. br/ 2008/04/paulo-jacob.html. Acesso em: 12.05.2018.

_____. **Paulo Jacob**. Disponível em: https://almaacreana.blogspot.com/2013/12/paulo-jacob.html. Acesso em: 07.06.2018.

SOUZA, Jamescley Almeida de. **Chuva Branca: rastreando a biblioteca amazônica em um romance de Paulo Jacob**. 2016. 117 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM, Brasil, 2016. Disponível em: http://www.ppgl.ufam.edu.br/attachments/article/248/Jamescley%20A.%20de%20Souza.pdf.

SOUZA, 1994. *In*: TRAJANO, Leina da Silva; SANTOS, Julius François Cunha dos. **O Ciclo da Borracha na Literatura Amazonense - Uma Análise da Obra "Um Punhado de Vidas-Romance de um Soldado da Borracha" de Aristófanes Castro.** Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Edição 04, Julho de 2017. Disponível em: https://www.nucleodoconhecimento.com.br/wp-content/uploads/artigo-cientifico/pdf/o-ciclo-da-borracha.pdf. Acesso em: 16.06.2018.

VASCONCELOS, Francisco. **Regime da Águas** – 3 ed. Rev. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2000.